

ENTRE A VERDADE HISTÓRICA E A FICCIONALIZADA: VIDEIRAS DE CRISTAL (RE)CONTA JACOBINA

Edson Salviano Nery Pereira¹

Universidade Estadual do Norte do Paraná

Resumo: Análise da obra *Videiras de Cristal* (2010), de Luiz Antonio de Assis Brasil, tendo em vista compreender a relação entre literatura e história presente no romance, bem como investigar de que modo o discurso ficcional colabora para a rememoração de Jacobina Mentz Maurer, líder de uma das mais importantes revoluções messiânicas ocorridas no Sul do Brasil no final do século XIX. Tal personagem foi posta, por uma significativa parcela de historiadores, como figura secundária do referido conflito, alcançando lugar de destaque apenas anos mais tarde, por meio de estudos acadêmicos e representações filmicas.

Palavras-chave: Ficção contemporânea; Memória; Narrativas de Extração Histórica.

Abstract: This paper brings an analysis of the novel *Videiras de Cristal* (2010), by Luiz Antonio de Assis Brasil, aiming at understanding the relationship between literature and history presented in the novel, as well as investigating to what extent the fictional discourse collaborates with the recollection/reconstruction of Jacobina Mentz Maurer, the leader of one of the most important Messianic revolutions to take place in Southern Brazil, in the late 19th century. This character was portrayed as a figure of minor importance by a significant number of historians in the aforementioned conflict, having conquered a major role only years later, in publications which, in their majority, present as a referential basis the novel investigated in the present paper.

Keywords: Contemporary Fiction; Historical extraction narrative; Memory.

1. Aluno do curso de Licenciatura em Letras – Português e Inglês, na Universidade Estadual do Norte do Paraná, campus de Cornélio Procopio (UENP). Bolsista da Fundação Araucária no projeto de pesquisa *Literatura e História: a metaficção historiográfica brasileira*, sob a orientação da Professora Doutora Vanderléia da Silva Oliveira.

“ - *Tudo muito trágico, Doutor, para ser apenas literatura.*”
(ASSIS BRASIL, 2010, p. 483)

I. Introdução

A vinda de imigrantes alemães para o Sul do Brasil, especialmente no Rio Grande do Sul, é um processo migratório que ocorreu durante todo o século XIX. Chegados da Alemanha com a esperança de aqui se estabelecerem e, através do trabalho, conquistarem uma vida melhor, os alemães enfrentam um grande choque cultural nas novas terras.

Originários do Sudoeste da Alemanha, fugindo da fome, miséria e violência sofrida por ataques promovidos pelas tropas de Napoleão Bonaparte, os imigrantes alemães encontraram nas terras sul-rio-grandenses um lugar para recomeçar. Donos de um idioma diferente daquele falado em terras brasileiras, com uma religião que também divergia daquela adotada e pregada com fervor pelos portugueses aqui instalados, os imigrantes formaram colônias nas quais viviam, semeavam e colhiam, conservando, da maneira como conseguiam, suas origens, seus ideais e sua fé.

A Colônia do Padre Eterno era uma dentre muitas colônias de imigrantes alemães que se estabeleceram no Rio Grande do Sul durante o século XIX. Estabelecida à beira do morro do Ferrabrás, doador do bucolismo e misticismo que permeiam toda a história dessa revolta, os moradores desta colônia protagonizaram uma das principais revoltas messiânicas pertencentes à história brasileira.

O Padre Eterno se destaca das outras colônias devido a algumas peculiaridades. Se por um lado ela promoveu riqueza aos primeiros moradores, os quais a abandonaram e passaram a viver em São Leopoldo, por outro, os que por ali ficaram foram fechando cada vez mais seus círculos, de modo a construir, conforme Assis Brasil observa, “pequenos núcleos de vida apa-

gada” (2010, p. 43)². Nestes núcleos a cultura alemã era altamente cultuada especialmente através do intenso uso da língua alemã por estes colonos.

Entre esses diversos núcleos do Padre Eterno, lançamos o nosso olhar para a Picada do Ferrabrás, um lugar “povoado por bugios e seus roncões” (ASSIS BRASIL, 2010, p.20) e que “anoitecia mais cedo, e a manhã custava a chegar” (Idem). É na encosta deste morro, onde havia um cume parecido com a “testa de um homem, um mágico ou um adivinho” (Ibidem) e que “de perto, era um gigante e uma sombra contra o céu”, (Ibidem) que nasce a principal revolta messiânica do Rio Grande do Sul.

O morro do Ferrabrás é o chão de toda a ação da revolta e também núcleo da narrativa de *Videiras de Cristal*, romance do escritor gaúcho Luiz Antonio de Assis Brasil, lançado em 1990. Este ambiente real assume, por meio da ficcionalização, ares místicos - a paisagem servia como uma “advertência de mistério” (ASSIS BRASIL, 2010, p.20). Ele é o lugar no qual ocorrem as paixões, os medos, os conflitos internos, externos e bélicos da narrativa. Para o estudioso Daniel Luciano Gevehr a reconstrução feita por Assis Brasil assume caráter importante uma vez que

A representação [do morro] construída pelo autor não nos leva a pensar apenas num espaço físico, mas também no Ferrabrás como espaço de conflito, de devoção e de fervor religioso. (GEVEHR, 2012, p.1417)

Dessa terra, dessas crenças e fé, é que surge esse pequeno ajuntamento de fiéis denominados *Mucker*. Segundo alguns dicionários, esta palavra pode significar “puxa-saco”, “grosseirão” ou ainda “rústico”. No referido romance, segundo nota do autor, ela assume o significado de “santo

2. A partir daqui utilizaremos apenas o número da página quando citarmos o romance *Videiras de Cristal* tendo como base a edição lançada pela editora L&PM em 2010.

fingido, santarrão e hipócrita”. Os *Mucker* acreditavam na força do *Espírito Natural* e, por esta crença, motivados pela esperança de uma nova terra, de um novo mundo, guerream contra seus conterrâneos e o Império, protagonizando um conflito bárbaro e sanguinolento.

Esta revolta, ocorrida na colônia do Padre Eterno, é contemporânea a outras duas com igual ou maior importância: Canudos, na Bahia, que teve como líder Antônio Conselheiro, e o Contestado, em Santa Catarina, com Antônio Maria.

Comparada a essas duas, a revolta dos *Mucker* apresenta pouquíssimo caráter político, predominando na luta a idealização de uma nova fé, uma nova crença que não àquelas pregadas por padres e pastores: a católica e a protestante. Segundo o escritor Luis Antonio de Assis Brasil, que desenvolveu extenuante pesquisa histórica, da qual resultou o romance aqui analisado, “não se tratava de um movimento contra o Império [...], mas foi um movimento importante. Ocorreu antes de Canudos, mobilizou o Império [...]. Tudo isso para debelar uma revolta na qual só se falava alemão”. (ASSIS BRASIL, s/d *apud* CASSOL, 2005, p.21)

Iniciado pelo desentendimento dos conservadores e dos *Mucker* a respeito da nova fé que se instaurava no Padre Eterno, o conflito assume proporções inimagináveis para o parco policiamento que as colônias do Rio Grande do Sul dispunham, a ponto de ser solicitada ao Império a presença do exército, ou melhor, a presença do que sobrou do exército após a Guerra do Paraguai.

Munidos de armas que podem ser consideradas, para a época, uma evolução das artes bélicas, os soldados imperiais lutaram, perderam e ganharam de um povo que, tendo um *déficit* enorme de armamento, possuía ideais e crenças que lhes deram, se não poderio de batalha, esperança na existência de novos tempos, estes celestiais.

[...] a lei que os Mucker violam é a da ordem estabelecida pelos “homens de bem”. A violência que se instaura não é, portanto, arbitrária [...]. A razão substitui, assim, a primitivo interdito. (MAZINA, 1992, p.129).

Desta revolta, dentre os principais nomes lembrados pela historiografia oficial, está o do coronel Genuíno Sampaio. Nascido na Bahia, em 1822, Genuíno Sampaio inicia sua vida militar muito cedo. Segundo historiadores, aos quinze anos já teria participado de combates contra revoltosos. Sua primeira ação em terras do sul ocorreu durante a Revolução Farroupilha, entre 1835 e 1845.

Genuíno Sampaio volta ao Rio Grande do Sul quando da revolução dos *Mucker*. Desta vez, no entanto, sua participação no combate é interrompida por sua morte em 21 de julho de 1874. Para sua morte são apresentadas diversas causas, entretanto a mais aceita é a de que o coronel tenha sido alvo das balas dos *Mucker*. No romance assim ela é referenciada:

– Feriram o coronel!

[...]

– Ele andava de lá para cá, ultrapassou a linha dos atiradores. Acho que no escuro não se deu conta disso.

[...]

– Más notícias, Capitão. O Coronel Genuíno acaba de falecer.

San Tiago Dantas estaca:

– Mas como?

– Hemorragia. A bala atingiu uma artéria da perna e ele se esvaiu em sangue. [...] (p. 458).

Ainda que o coronel Genuíno Sampaio tenha falecido antes de o combate acabar, são dele todas as honras e glórias que a historiografia pode proporcionar. Segundo Gevehr, a imagem que se tem de Genuíno é

“a do militar que tombou em nome da civilização contra a barbárie” (2012, p. 1416), pois foi ele o representante da “lança da civilização, enquanto os Mucker representavam o universo bárbaro” (*Idem*).

Se, através da oficialização histórica, a lembrança e os feitos de Genuíno Sampaio são louvados pelos sul-rio-grandenses, a memória de Jacobina Mentz Maurer é renegada pelos mesmos. Envolta em uma aura de mistério, a história de Jacobina é cheia de lacunas. A começar pela incerteza do ano de seu nascimento, passando pelos problemas psicológicos ocorridos em sua infância e a sua autoproclamação como a “Cristo feminina”, Jacobina inicia uma batalha na qual a fé é o principal elemento de questionamento. Considerada pelo imaginário coletivo como a responsável pelo conflito, logo, alguém para ser esquecido, Jacobina desenvolve um importante papel, não apenas como líder religiosa, mas principalmente como mulher conhecedora de seus direitos e à frente de seu tempo. Segundo Antonio Esteves, “Jacobina através do misticismo realiza uma espécie de inversão da ordem patriarcal” (ESTEVES, 2007, p. 132). Todavia, esta inversão não lhe é gratuita: “Jacobina enfrenta a fúria de duas igrejas, a católica e a luterana, que através do braço secular fazem-na pagar com a vida tal ousadia” (*Idem*).

Jacobina pagou com a vida, a subversão não ficou impune. Não aos olhos dos historiadores de cunho conservador. Para estes, a melhor maneira de tratar com a memória de Jacobina era reservando a ela um lugar especial na história: o do esquecimento. Para Michael Pollack,

A memória é alvo de manipulações e defesa de interesses pessoais e coletivos, estando necessariamente relacionada com o contexto e com a época em que foi produzida. (POLLACK, 1989 *apud* GEVEHR, 2012, p. 1413).

A (não) memória de Jacobina é fruto deste processo de manipulação de um período em que o Brasil passava por diversos levantes e

revoluções, no qual o louvor a uma mulher subversiva, prenunciadora da nova fé e precursora de uma sangrenta revolta, não poderia ser admitido, correndo o risco de demonstrar fraqueza e incentivando outras revoltas. Para Gevehr,

[...] não existe uma memória desinteressada. Ao contrário, a memória tem um destino prático, realizando a síntese do passado e do presente visando ao futuro, buscando os momentos passados para deles se servir. (2012, p.1414).

Entretanto, se para a historiografia oficial havia apenas a reminiscência de Jacobina e da realidade vivenciada pelos *Mucker*, despertando-lhes pouco ou nenhum interesse, para a ficção ocorre justamente o contrário. Uma vez que “a literatura conta histórias que a história escrita pelos historiadores não sabe, não quer ou *não pode contar*” (ESTEVES, 2010, p.20 - grifo nosso), as lacunas, as sombras deixadas são preenchidas, desta vez não com o intuito de confirmar uma verdade imposta. Antes, carnavaalizando a história oficial, busca-se compreender o passado, resgatando-o e promovendo a inserção de novas velhas vozes, silenciadas pelo discurso do poder.

Nesta seara, *Videiras de Cristal*, romance produzido por Assis Brasil, ampara-se em estudos históricos para propor uma leitura da revolta dos *Mucker* paralela àquela que a história oficial costuma promover. Segundo o próprio autor, é dispensável “o propósito de conferir data, nomes e eventos; talvez os encontrem subvertidos ou mascarados pela fantasia – não tão feérica – do autor” (ASSIS BRASIL, 2010, p.491). Verifica-se que é latente a preocupação do autor em criar uma obra que “narrasse a trajetória pessoal de algumas personagens” (Idem). Deste desejo surge então um primoroso exercício de louvação à memória da líder do movimento, a mesma renegada pela historiografia oficial: Jacobina Mentz Maurer.

Inserido em uma gama de romances que buscam ficcionalizar a história, *Videiras de Cristal* foge a algumas regras dos modelos. Se por um lado a obra relembra o exercício de escrita dos grandes Romances Históricos Tradicionais, propostos por Walter Scott, ao recriar momentos e espaços históricos, por outro, o contexto de produção influencia na abordagem do tema, ao dar-lhe ares pós-modernos, concedendo voz a uma personagem feminina. Tais aspectos podem ser examinados à luz dos pressupostos do chamado Novo Romance Histórico, defendidos por Aínsa (1991) e Menton (1993), e da metaficção historiográfica, defendida por Linda Hutcheon (1991). Para Aínsa e Menton, citados por Esteves,

[...] a análise de uma série de obras de autores latino-americanos, a partir da década de 1980, permite constatar que tais obras apresentam a ruptura com um modelo estético único. Trata-se de uma inovação com relação às obras dos períodos anteriores, [...]. Os novos romances em questão apresentam uma polifonia de estilos e modalidades baseada, especialmente, na fragmentação de signos de identidade nacionais, realizada a partir da desconstrução dos valores tradicionais. (2010, p.36).

Esta “desconstrução dos valores tradicionais” apontada pelos estudiosos é discutida também por Hutcheon em sua obra *Poética do Pós-Modernismo*, na qual a estudiosa aponta para a necessidade de uma releitura da história oficial, afirmando que esta revisão “[...] faz parte da postura pós-modernista de confrontar os paradoxos da representação fictícia/histórica, do particular/geral e do presente/passado” (1991, p. 142), deixando de olhar apenas para a história feita pelos homens para buscar aquela esquecida, posta à margem, a “história coletiva” (HUTCHEON, 1991, p.213) encontrada, muitas vezes, na figura da mulher.

Sob esta filiação, a uma ou outra categoria dos chamados romances históricos, registre-se não ser preocupação deste trabalho defini-la, vez

que o próprio autor afirma: “nunca me passou pela cabeça escrever um romance histórico, muito menos uma história romanceada” (ASSIS BRASIL, 2010, p.491). Todavia, o caráter que esta obra assume, frente à historiografia oficial, desperta interesse, pois, ao recontar a história dos *Mucker*, a obra passa a representar:

[...] o início de uma fase na qual o tema Mucker deixava de ser um tema proibido entre as comunidades imigrantes do Vale do Sinos e difundiu uma nova imagem – muito mais positiva – sobre os Mucker. (GEVEHR, 2012, p. 1414).

Jacobina é, durante muitos anos, descrita como prostituta e feiticeira, dentre outras referências pejorativas. Essa imagem se faz presente no imaginário coletivo brasileiro até o final do século XX (cf. GEVEHR, 2012, p.1416). Entretanto, com a publicação da obra *Videiras de Cristal* esta memória passa a ser questionada. Para Gevehr,

As representações de Jacobina, veiculadas pela obra de Assis Brasil, não a “incriminam” nem a seu grupo. Pelo contrário, o perfil biográfico construído pelo escritor para a personagem evidencia sua pretensão de lançar um novo olhar, não apenas sobre o tema, mas principalmente sobre Jacobina, cuja imagem era predominantemente negativa até a publicação de sua obra na década de 1990. (2012, p. 1416).

Interessa, então, o modo como o discurso ficcional, ao assumir a função de preenchedor das lacunas, (re)cria a memória de Jacobina, “relativizando vários elementos que até aquele momento [produção da obra] encontravam-se “solidificados” no imaginário social” (GEVEHR, 2012, p.1415). Para isto, este artigo se vale do discurso ficcional que a obra possui para que seja analisada a representação da figura de Jacobina,

subdividindo-a em três aspectos: Jacobina mulher, mãe e esposa; Jacobina, *Christussin*³; Jacobina guerreira e humana.

Segundo alguns historiadores, sabe-se que Jacobina Mentz Maurer era filha de imigrantes alemães e nasceu no mês de Junho de 1842. No entanto, o dia exato de seu nascimento é desconhecido. O que se tem conhecimento a respeito da família de Jacobina é que, além dela, seus pais tinham mais sete filhos. No romance, Assis Brasil atribui papel importante a um dos irmãos de Jacobina: Henrique Mentz. Ele, de acordo com a narrativa, “era um homem bonito e paciente” (ASSIS BRASIL, 2010, p.28) que nutria uma “grande estima pelos irmãos e em particular por Jacobina” (Idem).

A história de Jacobina, antes de sua ascensão como profetisa, é repleta de lacunas, como a história de grande parte das mulheres imigrantes, o que oferece a um ficcionista um excelente campo de trabalho. Segundo Gevehr (2012), há poucas informações sobre as características físicas de Jacobina, sendo que a única foto existente e amplamente atribuída como retrato da mesma é grandemente questionável. Mesmo com a possibilidade de criar um retrato físico que poderia servir para corroborar ou negar o retrato de Jacobina, Assis Brasil opta por outro caminho. É principalmente através de características psicológicas que o romancista constrói a figura de Jacobina Mentz Maurer. O aspecto físico da personagem torna-se reflexo de suas atitudes, como demonstra a conversa entre João Jorge, marido de Jacobina, e Ana Maria, nova ajudante da casa:

- Como ela é? – Ana Maria perguntou.
- Tem seu gênio, mas é uma boa mulher. Você logo se acostumará. (p.20)

3. Segundo estudo de Cláudia Mentz Martins o termo *Christussin* (feminino de Cristo) foi utilizado por um jornal de São Leopoldo, datado de 1873, para se referir a Jacobina.

Os aspectos físicos, quando mencionados, estão diretamente ligados ao estado de espírito em que Jacobina se encontra, ou, ainda, não apresentam grande significância para a caracterização. A primeira descrição da personagem a demonstra em meio a uma de suas crises, conforme passagem a seguir:

Frau Maurer tinha um perfil suave e pálido, e estava deitada sobre a cama ao centro do quarto, os braços caídos sobre o lençol, os olhos fixos no teto. (p.23). [...] Jacobina fez um sinal a Ana Maria para aproximar-se. Sorriu, afagou a cabecinha de Franz e tocou no rosto inclinado de Ana Maria. A tarefa de reconhecimento da nova empregada foi breve, os dedos trêmulos, mas não medrosos. O motivo do desagrado pelas tranças viu-se imediatamente: Frau Maurer trazia os cabelos aparados muito baixos, em caracóis dourados que se colavam ao crânio e às têmporas. A lividez do rosto não esmaecia a força dos olhos, brilhantes, azuis e temerários. Ana Maria recuou por instinto

– Não tenha medo – disse João Jorge. – Ela gostou de você. [...] (p.23).

Ainda que a tessitura da narrativa se dê através de duas vozes, ora do narrador que guia o enredo, ora através das cartas enviadas por Christian, um médico, imigrante, é a personagem do médico quem contará, nas cartas que envia para seu tio na Alemanha, como se dá a vida nos trópicos, especialmente a dos moradores e imigrantes alemães. É, então, através de uma destas cartas que a doença de Jacobina é apresentada. Nela, Christian narra a seu padrinho alemão uma conversa que teve com o Doutor Hillebrand, Dr. João Daniel Hillebrand, personagem real, segundo Gevehr (2012), o qual, oficialmente, diagnosticou “sinais de transtornos nervosos” (GEVEHR, 2012, p.1416). Christian, em sua carta, afirma que

O Doutor Hillebrand me assegura que Jacobina Maurer jamais poderá ser elevada à categoria de pessoa temível; conhece-a desde criança e tratou-a de uns desmaios que tinha lá pelos doze anos, quando lhe foi trazida pelo cunhado, o “Pastor” Johann Georg Klein. Naquela época, Jacobina era uma jovem impressionável e medíocre, não aprendia a escrever e não lia, nem letra impressa. Não foi possível nenhum tratamento, pois os sintomas eram confusos, e não se sabia bem onde terminava a doença e começava a mentira e vice-versa. (p.148-149).

O excerto acima confirma ficcionalmente a existência dos transtornos, também mencionados na narrativa como “desmaios” ou “ataques de sonambulismo”, os quais foram os primeiros a conferir a Jacobina um *status* que a diferenciava das demais mulheres da Colônia do Padre Eterno. Logo no início da narrativa é possível encontrar um inflamado discurso do Pastor Boebe contra um “livreco” que atribuía poderes sobrenaturais e místicos aos portadores do sonambulismo, o que era o caso de Jacobina. O incômodo que se acentuaria, posteriormente, entre o Pastor Boeber em relação à Jacobina se inicia através de uma conversa dele com um de seus paroquianos.

[...] Soube do seu sermão sobre o livrinho do sonambulismo. É mesmo nojento, li alguns pedaços. E o senhor sabe o que andam falando? Que os ataques da mulher de Maurer podem ser sinais de sonambulismo.

– O quê? Boeber fingiu surpresa

– Isso mesmo, Pastor. É claro que é uma besteira medonha, que eu não dei crédito, afinal sou um luterano que tem a cabeça no lugar e...

– Quem é que espalha essas coisas?

Haus baixou a voz:

– Todos no Ferrabrás. Todos que vão consultar o *Wunderdoktor*.

(p. 26).

É possível perceber que a narrativa promove um cenário de mistério e misticismo em torno da personagem Jacobina. A apropriação das lacunas deixadas pela história proporciona este efeito. A respeito disto está, entre outras coisas, o processo de alfabetização de Jacobina. Segundo a história oficial a personagem não fora alfabetizada quando criança dada a sua condição frágil, oriunda de seus transtornos. No entanto, Jacobina lia a Bíblia e entoava cânticos em alemão (cf. GEVEHR, 2012). Historicamente, não há nada que explique este fato. Ficcionalmente, Assis Brasil atribui o feito à Hardes Fleck, personagem do qual se tem pouquíssimo conhecimento, mas que apresentou a Jacobina não apenas o mundo das letras, mas também o mundo bíblico, o qual a encantava. Para ela, a Bíblia continha tudo o que ela sempre quis saber.

Foi a partir da incansável leitura das Escrituras que Jacobina descobriu uma nova forma de fé, a qual recebeu o nome de “Espírito Natural”. Antes mesmo de sua proclamação como profetisa, Jacobina curava em nome de sua fé:

João Jorge Maurer uma vez perguntou a ela por que as plantas nem sempre faziam efeito. Jacobina respondeu: “Farão efeito se você quiser me ouvir. O Espírito Natural pode te orientar. Ele fala pela minha boca”. A partir deste dia, João Jorge explicava aos clientes que as receitas das poções não eram prescritas mais por eles, mas sim pelo Espírito Natural que falava por intermédio de Jacobina. (p.50).

Jacobina, além de curar os enfermos, “ensinava a Bíblia aos doentes, que a ouviam falar sobre o céu e o inferno com a naturalidade de algo muito bem conhecido” (GEVEHR, p. 51). Estes e outros acontecimentos iam, pouco a pouco, levando Jacobina a ocupar o cargo de profetisa do Senhor:

Porque o Senhor falava a Jacobina e Jacobina falava a Ele; uma comunhão perfeita entre o Espírito e a Carne, entre a Divindade e o Homem. Ela, Jacobina, não era nada, ninguém, uma pobre-coitada como todos que se ajoelhavam e sofriam naquela sala. Mas por um especial dom, só compreensível pela extrema generosidade de Deus, ela ouvia de Deus tudo o que Ele queria dizer aos homens; confiassem nela, ainda que sua presença e sua voz de mulher parecessem tão fracas. (p.88-89).

Se a história oficial de Jacobina enquanto cidadã é cheia de lacunas, a da profetisa é totalmente sem registros oficiais, o que proporciona a Assis Brasil um vasto terreno para a criação da ficção. A transformação de Jacobina mulher/humana para dar lugar à Jacobina profetisa/divina é descrita após uma das piores crises que a personagem sofreu durante a narrativa de Assis Brasil. Ainda que Jacobina sofresse de frequentes desmaios, desta vez “a pele ganhava uma cor roxa e todo o corpo suava [...]. o peito não se movia” (p.108). Tudo levava a crer que Jacobina não mais retornaria do seu surto, quando então Jacó-Mula, um dos mais efusivos discípulos da profetisa, inicia um rito de canto junto com todos os homens e mulheres que frequentavam a casa de Jacobina para ouvirem a palavra do Espírito Natural:

O quarto se transformou em um grande órgão, estremecendo os vidros da janela, um cantochão fantástico onde as vozes profundas dos homens percorriam o canto em seus alicerces, semelhantes à poderosa mão de Deus, autora da vida, e que começava a produzir seus frutos; Jacobina voltava a respirar livremente, voltavam as cores do rosto. Passados uns instantes, ela abriu os olhos e disse, a voz firme:

– Não temam. Estou bem. Demos graças ao Senhor. (p.110.)

Jacobina, a partir deste fato, nasce como profeta do Senhor. E com ela nasce o preconceito, o medo, o temor ao desconhecido de toda uma Colônia. Medo e temor que eram inflamados pelo Padre Sepp e Pastor Boeber. Estes, vendo suas missas e seus cultos minguares, temiam pelas almas de seus fiéis que, segundo a convicção do Padre Sepp, assemelham-se “a videiras de cristal: fecundas nos verões luminosos mas frágeis e quebradiças quando cobertas pela geada do inverno” (GEVEHR, 2012, p.126). Geada representada pela nova fé.

O clima de discórdia entre os fiéis de Jacobina e os demais moradores da Colônia vai se acentuando à medida que a fama da profetisa ganha mais e mais adeptos. É, no entanto, na mesma medida em que o ódio movido pelo preconceito cresce, e cresce também a fé na fala, nos poderes e na própria Jacobina, a ponto de seus “discípulos”, como passam a serem considerados seus adeptos, proclamando-a Cristo feminina, diferente daquilo que a história apresenta: que a mesma teria se autoproclamado a *Christussin*.

O apóstolo Mateus abriu os braços, os olhos suspensos em Jacobina:

– Jacobina, você é Jesus Cristo!

– Sou o que você diz que eu sou. (p.138).

É após a proclamação que Jacobina torna-se um ser divino. Se antes, na condição de profetisa, ela tinha a sua volta uma aura de mistério, agora Jacobina passa a ser, através das linhas da narrativa, um ser místico, com direito a todo o cenário digno de uma nova encarnação de Jesus, contando, inclusive, com a vivência de cenas muito semelhantes a vividas por este personagem bíblico. É durante o rito realizado na missa de um domingo, “Segundo Domingo depois da Páscoa” (GEVEHR, 2012, p.139), que é narrada a primeira experiência espiritual de Jacobina aos olhos de todos os seus seguidores e é também após esta experiência que “a Cristo” recebe a confirmação dos Céus de sua condição e sua sina

A mulher permanecia imóvel, presa de um sortilégio que se transmitia à música, ao perfume de ervas e ao próprio ar.

Com um arrepio, Jacó-Mula percebeu que a mulher não pousava mais no piso, alçava-se num movimento suave e contínuo ao teto estranhamente aberto, revelando o céu daquele final de tarde onde as nuvens douradas davam lugar a grandes claros de azul. E ela sorria, desejosa de abandonar este mundo pecador e perverso. Os braços estiraram-se em todo o comprimento e o corpo alongava-se como uma seta apontando para o alto.

Dentre as nuvens então soou a voz grave e antiga do Senhor, vinda desde a eternidade das eras:

ESTA É MINHA FILHA MUITO AMADA,
NELA EU PUS
TODA MINHA BENEVOLÊNCIA.

– Não nos abandone, Mutter! Não nos abandone! – gritou Jacó-Mula. A Mutter olhou para baixo e o sorriso apagou-se, dando lugar a uma expressão de piedade e tristeza.

– Não nos deixe sozinhos, mãe!

Mais uma vez ainda ela ergueu os olhos. Depois baixou-os em direção à pobre Humanidade.

– Não deixarei meus filhos – disse. – Mesmo que isto custe a minha vida. (p.142-143).

E, de fato, custou. Jacobina, ao pregar sua fé, ao dar origem a uma nova forma de contato com o divino, inicia também o que será de alguma forma, sua marca histórica: a Revolta dos *Mucker*.

Ainda que a obra traga excelentes retratos das batalhas acontecidas, uma vez que a Revolta iniciada com a insatisfação de colonos com a nova fé, o que lhe conferiria um caráter paroquial, toma proporções inimagináveis para a época, chegando ao ponto de ser acionado o exército para

combater os fiéis de Jacobina, este trabalho não se debruçara nesta parte da narrativa. Todavia, se faz necessário registrar a afirmação de Marilene Weinhardt, estudiosa de *ficção histórica*⁴, em relação aos episódios de batalhas que são narrados na obra

Via de regra, a ação violenta não é apresentada diretamente, mas pela narração de alguém. Entretanto, no desfecho, o narrador recorre a um registro de voz que, se não é oficial de fato por não ser aproveitamento de um documento formal, se faz do ponto de vista do poder, nuançando uma possível visão maniqueísta. Se o exército, enquanto instituição interveio desastrosamente, alguns de seus representantes, como indivíduos mostraram-se suscetíveis aos problemas locais, assim como as divisões entre os revoltosos, acirradas no final, também não são atenuadas na narração. Servindo-se da suposta colagem de trechos escritos por um capitão do exército (o oficial-escritor identificado anteriormente), o discurso questiona: “Mas como descrever uma tragédia sem ser excessivo?” (WEINHARDT, 2004, p. 148).

É importante reiterar que, enquanto a história se ocupou de registrar as batalhas, as baixas de soldados e outros aspectos inerentes ao contexto bélico da Revolta, Jacobina e tudo aquilo que se referia a ela foi esquecido, dando espaço, mais uma vez, para a ficção realizar seu trabalho.

Não há registros oficiais de que Jacobina teria lutado a frente de batalha durante a Revolta, tampouco a narrativa de Assis Brasil a coloca como guerreira direta. Entretanto, o papel de seus discursos e a fé que seus

4. O termo *ficção histórica* foi apresentado por Weinhardt em sua obra *Ficção histórica e contemporânea: desdobramentos e deslocamentos*, publicada em 2011, na qual a estudiosa faz um estudo detalhado da evolução do subgênero romance histórico ao longo dos anos, apontando para uma nova terminologia para aquelas obras adotada como narrativas de *extração histórica*.

guerreiros tinham nela a tornam um exemplo de coragem, um arauto de esperança, através da qual o Senhor preparava uma era. É na mata, confrontada pelo exército que se preparava para atacar a ela e a seus discípulos que Jacobina recebe a visita de seu Senhor:

E fez-se uma luz, branca e majestosa, que envolveu o leito. Jacobina sorria, agora os olhos bem abertos para o alto. Soou uma delicada música de carrilhões, igual aos sinos natalinos de Niederlinxweiler, e anjos cantavam, sim, eram anjos! Cantavam um hino nunca ouvido por Jacó-Mula, e que falava das delícias do Paraíso, um lugar onde corre o leite e o mel e onde as árvores dão aos frutos mais deliciosos e onde sempre se enxerga a Face do Altíssimo. Jacobina falava para o céu, no diálogo inefável com a Divindade. Todo o seu rosto se transfigurava, embebido e um prazer maior que qualquer prazer neste mundo. Ela estava enxergando Deus, feliz! Aos poucos o leito começou a erguer-se, as cobertas balançavam a um vento brando, vindo das alturas.

E a voz do Senhor, lenta e séria, fez-se mais uma vez ouvir:

JACOBINA É ELEITA PERANTE MIM,
EU A FIZ MINHA
E DE TODOS VOCÊS.
CONFIEM NELA
NESTE MOMENTO DE ANGÚSTIA.

E o vento, mais forte agora, trazia num crescendo sons de muitas harpas e clarins, a música aumentava até que os ouvidos pareciam rebentar. A cama iniciava um giro etéreo, sugada por um turbilhão que parecia arrastá-la para a imensidão das nuvens.

A certa altura parou. Anjos do Senhor surgiram nos quatro cantos e um deles, meio homem, meio mulher, aproximou-se da Mutter e despiu-a por completo. Um outro anjo pôs-lhe sobre o corpo

um vestido de lã grosseira e revestiu-a com duas chapas de ferro, amarrando-a nos ombros e na cintura. Calçou-lhe os pés com botas de cano alto e, parando-se à frente, ofereceu-lhe uma espada feita de luzes e brilhos. Jacobina pegou a espada, beijou-a e com as duas mãos levou-a à altura dos seios. Seus olhos voltaram-se para o céu. E o Senhor falou:

RECEBA ESTA ARMA, JACOBINA.
COM ELA VENCERÁS.
(p.418-419).

O fim de Jacobina é narrado pelas anotações do soldado San Tiago Dantas. É neste momento que a guerreira Jacobina é referenciada, através deste texto que pode, ou não, ser baseado em documentos oficiais. No entanto, registros oficiais apontam apenas para a data e o local da morte 02 de agosto de 1874, ao ser descoberta pelas forças oficiais, ao pé do morro Ferrabraz (cf. GEVEHR, 2012, p.1415):

Foi o instante em que enxerguei Jacobina Maurer. Saía da choupana com o revólver em punho; ela sabia que tudo estava perdido, mas mesmo assim atirava como louca, remuniando a arma com perícia e a rapidez de um artilheiro. Estava em meio a uma destas operações quando um tiro atingiu-lhe o peito. A profetisa vacilou, procurando agarrar-se a um galho, mas seu amante Rodolfo Sehn correu para ampará-la e neste ato desesperado foi atingido pelas costas e ao cair levou abraçado o corpo inerte de sua amada. (p.482).

A narração feita em tom de relato, mas não com a impessoalidade de um narrador heterodiegético, não apenas humaniza a narração, como também, ao ser um relato de um indivíduo que não estava impregnado pelas crenças dos seguidores de Jacobina, enxerga-a como uma mulher e não

como uma divindade, ainda que se utilize da expressão “profetiza” para se referir a Jacobina. Ao ser vista e entendida como mulher/ser humano que é Jacobina tem sua natureza devolvida. O modo como é narrada a sua luta pela vida, assemelhando-se a um animal que usa de todos os meios para sobreviver, a mulher Jacobina atirava ao léu, o que importava era se manter viva, o que não ocorreu.

Por ser necessária uma conclusão

A obra *Videiras de Cristal* é, sem dúvida, um objeto de estudo no qual há diversas possibilidades para trilhar caminhos, vieses e perspectivas de estudos. O realizado neste trabalho é apenas um dos inúmeros.

Sem a pretensão de esgotar a discussão em torno do tema proposto, buscou-se aqui traçar algumas possibilidades de leitura sobre o processo de rememoração, ou ainda, a (re)produção da memória de Jacobina Mentz Maurer, personagem real da história brasileira, mas que foi deixada à margem por décadas.

A obra de Luiz Antonio de Assis Brasil, ainda que de caráter totalmente ficcional, trouxe da margem a figura de Jacobina. Ainda que a narrativa apresente um trabalho estético que dialogue com as grandes narrativas de extração histórica, o resgate feito pelo romancista reflete diretamente as premissas estéticas do pós-modernismo, dando ao romance o vigor questionador encontrado em produções vinculadas ao chamado *novo romance histórico*.

Para Esteves, “o passado pode ser vivido como uma aventura já consumada e inofensiva” (2007, p. 134). Confrontando esta premissa com a leitura proposta neste trabalho, é possível perceber que em *Videiras de Cristal* a tessitura da narrativa não tem como pressuposto a imposição de uma verdade, seja oficial ou ficcional, antes, ao não se preocupar em provar fatos, acaba por contestar muito do infundado senso-comum que permeava a história de Jacobina.

Culpada ou inocente. Santa ou puta. Jacobina, antes de tudo, era mulher. Seu papel histórico é inegavelmente perturbador e importante, dado que uma mulher, em pleno século XIX, imigrante, doente e moradora de um meio social em que a mulher tinha pouquíssimo valor, movimentava todo um império, causando morte, mas também iniciando uma abertura no modo de vivenciar a religião e a vida em sociedade. Na obra de Luiz Antonio de Assis Brasil encontra-se, pois, um meio à personagem sair da escuridão e ganhar a notoriedade que lhe havia sido renegada.

Referências

- ASSIS BRASIL, L.A. *Videiras de Cristal*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2010.
- CASSOL, V. F. G. História e literatura em *Videiras de Cristal*. *Revista Eletrônica ÁGORA*; nº1, Ano I, Dezembro de 2005, p.19-34.
- ESTEVES, A. R. O romance histórico brasileiro no final do século XX: quatro leituras. *Revista Eletrônica Letras de Hoje*. Porto Alegre, v.42, n.4, dezembro de 2007, p.114-136.
- _____. *O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)*. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.
- GEVEHR, D.L. A mulher no universo imigrante alemão do sul do Brasil no século XIX: uma análise de *Videiras de Cristal* e a difusão sobre Jacobina Mentz Maurer. *Anais do Congresso Internacional da Faculdade EST*. São Leopoldo: EST, v. I, p.1412-1426, 2012.
- HUTCHEON, L. *Poética do Pós-Modernismo*. Trad. R. Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- MAZINA, L. O trágico em *Videiras de Cristal*. *Travessia*, n.5: UFSM, p. 129-138. 1992.
- MARTINS, C. M. *Em busca de um paraíso: o messianismo em La guerra del fin del mundo e Videiras de Cristal*. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1998.

WEINHARDT, M. *Ficção histórica e regionalismo*: estudo sobre romances do Sul. Curitiba: Editora da UFPR, 2004.

_____. *Ficção histórica e contemporânea*: desdobramentos e deslocamentos. Ponta Grossa. Editora UEPG, 2011.

Recebido em: 24/10/13

Aceito em: 22/01/14